

Sinopse filme Paulo Leminski

### **A luneta de Descartes**

René Descartes, o filósofo francês que esculpiu a cabeça do Ocidente, desembarca no Nordeste brasileiro do século XVII. Integrante da expedição holandesa do príncipe Maurício de Nassau, o pensador racionalista se choca com a realidade quente e confusa dos trópicos. Numa praia de Olinda, aterrorizado com jibóias, tamanduás, plantas carnívoras e o escambau, Descartes aguarda ansiosamente ser resgatado pelo comandante polonês Krzystof Arciszewski. Enquanto espera, entre um e outro cachimbo preparado com ervas nativas, o filósofo espia o horizonte com uma luneta.

Paulo Leminski, três séculos depois, ainda com a inseparável camisa de mangas compridas do colégio interno carioca São Bento, coloca um óculos de aros grossos e escuros para corrigir a miopia causada por atemporais horas de leitura. Com a lente de aumento no rosto e as obras de Homero, Virgílio e Dante na cabeça, o rapaz de 15 anos circula pelas ruas geladas de Curitiba. No seu bairro mesmo conhece Sérgio Zippin, com quem passa a dividir o título de melhor aluno da turma no Colégio Estadual do Paraná, além de leituras diárias da *Gramática Grega* de Madre Maria da Eucaristia Daniellou e do *Novíssimo Dicionário Latino*, da Ed. Saraiva. Nos fundos da casa de Sérgio, uma pequena casa com janelões guarda uma biblioteca e bilhetes escritos em grego. Nessa espécie de jardim de Epicuro os dois passam a noite estudando, traduzindo poemas, se preparando precocemente para o vestibular e fumando escondido.

Enquanto isso, em casa, o pai de Paulo, militar reformado, passa a maior parte do tempo de pijama, bebendo e lendo Euclides da Cunha.

No cinema, Leminski, 17 anos e cabelos compridos, assiste *A face Oculta* com Neiva, sua primeira namorada. Volta pra casa com um comunicado oficial a Pedro, seu irmão três anos mais novo: "Pedro, é com imenso prazer que lhe comunico que estou namorando uma guria da sua turma.". Quando o irmão rebate dizendo que Neiva é feia, Paulo conserta: "Era!". À beira da maioridade, Leminski já é um ser feito de literatura, alimentado visceralmente pela ficção. Neiva não é bem sua primeira mulher: é sua primeira poesia concreta. Com a leitura de *A decadência do Ocidente*, de Spengler, o racionalismo cartesiano começa a derreter. Descartes, cansado de esperar o próprio resgate, decide desbravar a selva tropical.

Na trilha aberta a golpes de lápis estão escritores como Maiakovski, Walt Whitman e Pound. Companhias sofisticadas demais para um curso de Direito, mesmo para um aluno classificado em segundo lugar. A Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, em Belo Horizonte, e o grupo paulista de poesia concreta da revista *Noigandres*, por exemplo, parecem bem mais interessantes do que a faculdade. Leminski começa a praticar poesia com o mesmo afinco com que se aplica ao judô. Entende rápido que, "seja diante de um golpe ou de um poema, pensar pode ser fatal." É condecorado com a faixa preta. Nos dois.

Na sua casa, com a companhia de Carlos Alberto Sanches, amigo da faculdade de Direito, começa a ebulir o Núcleo Experimental de Poesia Concreta de Curitiba. John Donne, Mallarmé, Robert Browning, Poe e todos os autores *noirs* com os quais se identifica vão parar na dança da tradução, passeio de um código a outro. Haikais também deságuam no litoral brasileiro e a poesia vai se tropicalizando,

flertando com o Modernismo e a Antropofagia. Duchamp de um lado, Oswald de Andrade de outro. Na trilha sonora, Caetano e Anton Webern, músico "concreto" morto prematuramente e cuja obra cabe em quatro LPs.

A faculdade, era de se esperar, fica de lado, assim como a sua mulher, Neiva. O método cartesiano tem suas falhas e o estudo autodidata é mais revolucionário, mais de acordo, se é que se pode dizer assim, com o ano de 1964. De qualquer forma, a sala de aula ficara pequena para o intelectual Leminski, agora professor de História e Literatura no curso de pré-vestibular Dr. Abreu.

Está instaurada a aula-espetáculo, unindo imagem, texto e som. Vale colocar um disco de Bob Dylan na radiola numa aula sobre os movimentos cíclicos da humanidade, vale Beatles, vale também chegar com o mesmo suéter rosa dos últimos quinze dias, usado para disfarçar as marcas de anfetamina injetável. Vale abolir escova de dentes e cabelo e, se a calça rasgar os fundilhos em plena aula, deixando um grande buraco negro e um pedaço de pano pendurado na virilha, vale continuar como se nada fosse. Vale até casamento aberto com o amante da mulher morando na mesma casa. Ivan, namorado de Neiva, é pai do primeiro "filho" de Leminski, registrado como Paulo Leminski Neto. Não importa se, tempos depois, num porre, Leminski rabisca a certidão de nascimento. Na lei e na literatura vale o que está escrito. A poesia toma conta de tudo, do primeiro prêmio no importante Concurso de Poesia Moderna até os excessos. Escrever não tem medida.

É no mínimo assimétrico também o figurino de Paulo na sua festa de aniversário, em 24 de agosto de 1968: cabelos compridos batendo no ombro, camisa muito curta terminando na cintura, cinco centímetros de barriga à mostra e três de cueca até chegar na calça – provavelmente rasgada em algum lugar. Em

nada ele lembraria um ex-seminarista. "Uísque ou martini?", ele pergunta naquela noite a Alice Ruiz, quem acabara de conhecer. Ela pede uísque, ele traz martini. Está perturbado com aquela garota bem informada que também parece exalar poesia. Sua apresentação, nessa noite, faria os monges de seu antigo colégio corarem. Seu irmão, se não estivesse preso por roubo de carro, também ficaria surpreso. Paulo dança, mostra sua biblioteca de obras clássicas, fala de seus autores preferidos. Enquanto as outras pessoas do apartamento parecem desaparecer numa bruma marítima, ele lê sua poesia mais recente.

Descartes é hipnotizado irreversivelmente. Seu lugar é ali, naquela terra sensual e escaldante. "Estou vidrado em você, guria", ele diz no dia seguinte, transformado em puro motor poético. Que Logos que nada, que "penso, logo existo" o quê. A fertilidade caminha no caos.

O apartamento fica pequeno para dois casais e uma criança, e a paciência da inquilina com tamanha descompostura também não é das maiores. Curitiba, já dizia o grupo Áporo, é uma aldeia. O grupo, batizado com esse nome em homenagem a um poema de Carlos Drummond de Andrade, é criado por Leminski e seus amigos para concentrar a atividade intelectual em três áreas – literatura, cinema e música – e publicar artigos em jornais e revistas. Ou, nas palavras do grupo, "cessar fogo na produção intelectual para afastar a pasmaceira que reina na cidade". A forma, já defende Leminski com unhas e dentes sujos, é tão importante quanto o conteúdo. A forma é realmente revolucionária, e para contestar as formas que estão no poder é preciso "arrebentá-las por cima, por baixo, pelo lado". Sim, é preciso uma certa agressividade também. No Manifesto de 30 laudas do grupo, datilografado em espaço 3, o alvo principal é o escritor Dalton Trevisan, contista seguido por "uma

legião de daltônicos". A esta altura Leminski tem os cabelos na altura dos ombros, barba comprida e um sobretudo escuro terminando bem abaixo dos joelhos. Passa boa parte do tempo lendo e fazendo anotações em guardanapos. Carrega um calhamaço de papéis e revistas que consulta a todo instante. No La Fontana de Trevi, bar que frequenta com o pessoal da academia de judô, é uma figura única: em muitos aspectos, lembra um poeta maldito do século XIX.

A saída de Alice do apartamento não é bem uma separação, até porque a relação dela com Leminski é a de um clássico adultério. Trata-se de uma fuga estratégica: sua gravidez não anda combinando com maconha, álcool e anfetaminas destiladas. Na casa da sua tia ela teria roupa lavada e poderia fazer três refeições ao dia, hábito muito recomendado às grávidas.

Na verdade, Alice é apenas a primeira a debandar. O grupo, grande demais para a puritana Curitiba, começa a implodir, sedento por horizontes mais ensolarados como o Píer de Ipanema. Além do mais, a proprietária do apartamento, influenciada pelas reclamações da vizinhança, gosta cada vez mais do seu imóvel e cada vez menos dos seus inquilinos, assim como a polícia política da ditadura.

Quando registra seu primogênito Miguel Ângelo Leminski, o Guegué, Leminski já tem na manga números de telefones, referências de jornalistas para jornalistas e muita esperança de pintar uma legal na Guanabara. Partiria em três dias. Alice iria depois com Guegué.

Transformado, o filósofo maldito desembarca no Rio de Janeiro levando junto o *Catatau*, romance pensado para um concurso, "ficção elaborada em linguagem de vanguarda", segundo o jornal *O Estado do Paraná*. Professor, poeta, judoca e poliglota, Descartes nunca mais será o mesmo. A forma da poesia brasileira também não.